

## Memória e História Oral: o homem e o bairro em construção na cidade indústria

MARIA RITA SALES RÉGIS\*

BIANCA PAVAN PICCOLI\*\*

### Resumo

Este artigo visa demonstrar, por meio das memórias dos migrantes e de suas histórias de vida, a trajetória síncrona destes migrantes e de Barra do Riacho, bairro situado em Aracruz no norte do Espírito Santo quando a partir da década de 1970, inicia seu percurso de bairro pesqueiro artesanal para dormitório de trabalhadores da indústria de celulose. Relata-se também as transformações sociourbanas ocorridas. Este estudo sustenta-se nos campos de estudo da Memória e História Oral.

**Palavras-chave:** Migrante; Transformações sociourbanas; Industrialização; Espírito Santo.

### Abstract

This article aims to demonstrate, through the memories of the migrants and their life histories, the synchronous trajectory of these migrants and Barra do Riacho, a neighborhood located in Aracruz in the north of Espírito Santo when, starting in the 1970s, From an artisanal fishing district to the dormitories of workers in the pulp industry. The sociological changes that have taken place are also reported. This study is based on the study of Memory and Oral History.

**Key words:** Migrant; Sociological changes; Industrialization; Espírito Santo.



\* **MARIA RITA SALES RÉGIS** é Mestre em Criatividade Aplicada pela Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha; mestranda em Psicologia Social (UFRRJ); Psicóloga, docente em IES.



\*\* **BIANCA PAVAN PICCOLI** é graduada em Serviço Social; licenciada em Sociologia; Especialista em Educação Inclusiva, Diversidade e em Educação Social e Cuidado. Bolsista Pesquisadora da FAPES (Fundação de Amparo à Pesquisa no Espírito Santo).



Dessa forma, Barra do Riacho passou por um processo de transição, num crescimento acelerado, considerado pelos moradores local, desordenado, conforme matérias identificadas na mídia escrita local.

Desde dezembro de 2009, resultado de uma gestão financeira ineficiente e fruto de forte crise econômica, a empresa foi adquirida pelo Grupo Votorantim, passando a chamar-se FIBRIA..

Da mesma forma que existem versões diversas de como a Indústria Aracruz estabeleceu-se no Espírito Santo, existem tantas outras versões sobre a motivação para a mudança do nome da indústria de Aracruz Celulose para FIBRIA, no entanto, neste estudo, preferimos entender que foi uma estratégia da empresa tentando “reduzir impactos” do legado da antiga indústria. Desde então, processos foram reformulados, pessoas movimentadas em seus postos de trabalho e setores de atuação.

**Corte para o tempo presente.** Todos o conhecem como “Seu A.”<sup>1</sup> – o uso do aparente pronome possessivo antes do substantivo próprio encontra na linguística histórica uma explicação interessante: no português colonial, “seo” era forma redutiva da palavra “senhor”. Por uma questão de sonoridade, acabou sendo transcrito como “seu”. É esse “senhor A.”, mineiro nascido na cidade de Resplendor, em Minas Gerais, de 59 anos, casado pela segunda vez, pai de seis filhos, alguém que se pode denominar como um “guardião da memória” da região, expressão essa aplicada por Bosi (2015) na sua obra Memória e Sociedade (2015). Morador de Barra do Riacho acompanhou e vivenciou boa parte do percurso do bairro.

Proprietário de uma Pousada, onde muitos dos trabalhadores migrantes foram recepcionados e acolhidos ao chegar ao município.



Hotel Seis Irmãos



Rio e Mar em Barra do Riacho – Aracruz/ES

Fonte: fotografia de autoria da pesquisadora 12/2015

<sup>1</sup> Migrante mineiro, gênero masculino, 59 anos, casado, 06 filhos, residente em Barra do Riacho desde a década de 1970.

Neste mesmo local, nos recebeu, compartilhou suas memórias entrelaçadas, obrigatoriamente, com a construção coletiva que, em muitos momentos, reconfigura o que se tem de versão oficial da história de Aracruz e sua primeira indústria.

### Sobre memórias

Em se tratando de memória individual e de memória social/coletiva, Pollak (1989, p.1) desvela a contribuição fundadora de Maurice Halbwachs, que enfatizou a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade. No campo de estudo da memória social, Halbwachs ampliou a visão de Henri-Louis Bergson, (Santos, 2003 p.35-40) que compreendia a memória como fenômeno individual e subjetivo.

Halbwachs (2013) referencia a influência e a importância do tema memória considerando o ser e o existir social do indivíduo, refutando a ideia de que memória é algo que sai do passado, apresenta-se no presente da mesma forma, com a mesma roupagem, como Bergson apresenta na ideia do “Cone da Memória”.

A busca pela compreensão da relação entre indivíduo, memória e sociedade ganhou suporte também de vários historiadores e sociólogos, como Paul Ricœur (2007), Paul Thompson (1992), H. Leticia Weinrich (2001).

Memória e História entrelaçam-se ainda mais com o fortalecimento de um campo da historiografia, a história do tempo presente, nem sempre bem assimilada ou compreendida, mas que tem superado resistências e ampliado espaços.

Um suporte desse campo historiográfico é a memória oral. Os historiadores puderam, assim, alargar o campo de

atuação, colocando em foco também objetos e fontes antes desconsideradas, como os grupos marginalizados e excluídos. Relegados a papéis secundários ou muitas vezes ignorados, depoimentos e relatos pessoais foram reconsiderados.

Na história da expansão do município Aracruz, a retórica oficial mostra que a instalação da indústria permitiu à esse município despontar, crescer populacionalmente inclusive em arrecadação, beneficiando aos moradores e aos seus respectivos bairros. Seu A., porém, apesar de ter também parte dessa percepção, vai além, mostrando facetas pouco consideradas. Antes, porém, deve-se buscar a origem, a gênese dessa simbiose entre o lugar e o homem.

Assim, sobre sua chegada a Barra do Riacho, ele narra:

“Minha mudança veio em uma Kombi. Não tinha ônibus. Antigamente fazia-se frete. Eu não tinha nada. Vendi tudo vim pra cá sem dívidas. Na época aqui tinha era peixe, muito peixe...” Tinha muita zoeira, muita bagunça, muito forró, muita bebedeira e isso foi deixando Barra do Riacho com fama de ser um lugar violento. Não vejo nada disso” (Seu A., 2015)

Do lugar que nada tinha, e ele que nada possuía, ocorre uma relação de construção de memória social e local, mas, ao mesmo tempo em que configura uma imagem de como o bairro era tratado, busca reforçar uma visão positiva. Em sua memória, consta seu esforço em construir um patrimônio, fazer crescer a família e a comunidade, mas isso só sendo possível em decorrência da relação do lugar com a indústria, que permitiria essa situação.

Um pessoal me falou “olha você vai lá à Barra do Riacho porque lá

vai ter expansão da fábrica... vai chegar muita gente e você vai se dar bem". Vim com um caçador, que me arrumou um lugar aqui para tomar conta para ele. Depois as coisas melhoraram, aluguei um ponto que na época era uma casinha de cachorro, onde botava os cachorros de caça e depois virou galinheiro. Transformei o lugar, passei cal, peguei a mulher e filhos e vim para cá onde ficamos por três anos. Até que comprei o ponto. No início só fornecia o almoço dos estivadores. Vendia o almoço para comprar o jantar. Veio a expansão da Aracruz, época de paradas da fábrica e passamos a atender toda gente que vinha. Comecei a alugar uns quartinhos que eu tinha aqui. Como a demanda foi grande alugava as casas de moradores a pedido deles e ganhava por isso também. Teve vezes de hospedar seiscentas pessoas nas paradas de fábrica. Fui ganhando dinheiro e investindo aqui mesmo. Só que agora as o fluxo de gente das paradas de fábrica diminuiu. Hoje eu tenho dois hotéis com trezentas vagas e estou esperando as empresas retornar para ocupar estas vagas. Comecei aqui sem nada, fui trabalhando, e hoje estou com a obra toda praticamente concluída.”.

O estudo da memória em Pollak (1989) a estabelece como atributo seletivo com ênfase na prática da negociação, cujo objetivo é o de conciliar a memória coletiva às memórias individuais. A memória não é expressada de forma ordenada e sim irradiada, tramitando qual pêndulo, indo e voltando para algum lugar.

### Memória coletiva

À luz de Le Goff (1994), a memória coletiva possui caráter interdisciplinar, e na visão de Pierre Janet, citado em Le Goff, compreende o ato mnemônico fundamental, interligando-o ao

comportamento narrativo, o qual recebe o status de função social.

Alessandro Portelli (1998), historiador italiano contemporâneo que adota a história oral em seus trabalhos, mostra em “*O massacre de Civitella in Val di Chiana*”, como a memória pode servir para reconfigurar compreensões sobre fatos históricos. Na obra, ele mostra como moradores de uma pequena vila onde 115 pessoas foram mortas por soldados alemães durante a Segunda Guerra, preferiram atribuir a responsabilização do crime a membros da resistência italiana (*partigiani*), que teriam sido autores da morte de três soldados alemães e que geraram a retaliação. Geralmente, os “partigiani” são vistos como heróis. A (re) construção deu-se a partir do relato (memória) de moradores do lugar à época dos eventos, principalmente viúvas, mesclado com análises teóricas de historiadores, antropólogos e sociólogos.

Portelli utiliza-se do instrumental metodológico da Memória Oral, que busca por meio do conjunto de relatos individuais construir um painel histórico de um determinado fato coletivo. No original de 25 páginas, ele inclui anotações que delimitam o tempo em que produziu o texto – entre 21 e 24 de agosto de 1995 – pontuando sobre pichações, com marcas de suásticas, em um monumento de homenagem aos mortos durante retirada dos nazistas de Roma. É uma maneira de conectar o passado ao presente com elementos comuns que permeiam as duas realidades, a do objeto estudado e a da conjuntura atual. A trajetória e a expansão da pousada do “Seu A.” não deixa de ser uma conexão entre os tempos de construção do bairro e a atualidade, ainda em transição.

No caso em análise, Portelli exhibe o

contraponto entre memórias, já conceituadas anteriormente por Giovanni Contini como “*memórias divididas*”, sendo de um lado a “oficial” que elenca as vítimas como heróis da resistência italiana, de outro os familiares que rememoram o luto ao mesmo tempo em que culpam os membros da resistência como culpados pelo massacre, uma vez que mataram soldados alemães, sabendo das consequências.

Na história oral, o narrador, diz Portelli (1996), jamais reduzirá sua vida, sua experiência, seu valor a um conjunto de fatos que serão a outros disponibilizados. Tanto a filosofia que se dedica aos estudos de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade estabelecida/convencionada historicamente, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem, quanto o filósofo que busca o conhecimento sem uma visão pragmática, motivado, sobretudo por expressar o significado da experiência que redunde na identidade do indivíduo. Identidade esta construída cuidadosamente na narrativa da sua experiência, como constatado em um fragmento coletado em uma das narrativas de integrante deste “grupo”, quando o migrante de Barra do Riacho, recorda o primeiro trecho de sua vida adulta:

De Resplendor eu fui pra Mantena. Saí de Mantena com nove anos de idade e vim para o Espírito Santo, em Timbuí. De Timbuí vim parar aqui em Barra do Riacho. Sai sozinho de Mantena para conseguir alguma coisa na vida, porquê?...porque desde pequeno éramos em três irmãos minha mãe vivia de casa em casa todo mês ela era expulsa da casa por não ter dinheiro para pagar aluguel.

Portelli (1996) ressalta que recordar e

contar faz parte da interpretação. Na subjetividade implícita nas fontes orais e memórias, as pessoas constroem e seguem atribuindo significados às suas experiências, o que impossibilita o desprezo à subjetividade presente nas narrativas.

Nas análises a partir da história oral ou memórias narradas, o texto é a verdade do narrador, que revelada, penhora ainda sobre a importância do processo de visão, interpretação e mudanças frente aos fatos não vistos e opiniões diversas frente a um mesmo evento.

Vale ressaltar a inserção no texto de Portelli destacando uma fala na sua obra “não sei se posso dizer a verdade... posso apenas dizer o que sei”. Na entrevista oral há uma vivacidade, um tom especial característico que deriva do fascínio do vivido. (ALBERTI, 2004, p.14-22)

Wilhelm Dilthey, em Alberti (2004, p.18), dizia que para compreender o homem é necessário compreender sua historicidade o que consiste em valorizar o movimento de se colocar no lugar do outro.

A história oral e as memórias “não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (PORTELLI, 1996, p.71).

As fontes orais entram em cena quando o povo iletrado – grupos sociais, nos diz Portelli (1997) nos dão informações escritas falhas ou distorcidas. Quando contam e recontam geracionalmente seu cotidiano, a cultura (crenças, tradições e rituais) o que promove um encontro afinado entre história oral e teorias de história social.

Dessa forma, as fontes orais, por conseguinte são fontes narrativas. Todavia, há que se observar alguns aspectos essenciais na aplicação deste

método: oscilações na velocidade da narrativa, categorização, distância e perspectiva, à luz Gérard Genette (Figures III, Paris, Seuil, 1972 in Portelli 1997) que definem a posição do narrador com relação à história.

Então só tenho o segundo grau. Não estudei, entendeu? Sei muito mal assinar meu nome. Só o nome entendeu? Porque eu não sei escrever, mas Deus me deu a inteligência.

Seu A., neste breve relato se reconhece como iletrado, apesar de ter o segundo grau, mas isso não faz com que desqualifique seu papel na comunidade, função que ele destaca em decorrência de sua “inteligência”. Porém, ao mesmo tempo que exalta a empresa, culpabiliza o morador local pela desventura do desemprego. No próprio discurso, indiretamente, faz aparecer uma situação de falta de oportunidades na região, um problema que parece se acentuar.

Aqui em Barra do Riacho graças a Deus, todo mundo vai falar bem de mim, porque são trinta e cinco anos que moro aqui, procurando fazer o melhor para a comunidade. Hoje eu já não posso mais, junta a idade de cinquenta e nove anos, as emoções me impedem de ir à reunião. Porque chego lá, vejo aquela gente reclamando que a empresas não dão serviço. Agora aqueles que não quiseram estudar que nem eu disse e ficam reclamando: atende como pedreiro, carpinteiro, soldador, mecânico, mas não tem o curso de nenhum. Só que a empresa exige e dá o curso de graça. Falei: tá vendo aí, quando a empresa deu o curso de pedreiro, soldador e eletricitista de graça era para vocês serem profissionais. Porque o profissional hoje é aquele que tem o canudo (certificado).

Vale ressaltar a inserção no texto de

Portelli (1997), destacando ao que a academia esbarra e obscurece: o sentido, a subjetividade, a credibilidade que depende apenas da escolha do observador e não de dados estatísticos ou provas documentais. Com esta abordagem a verdade está represada na psique do narrador.

Fontes orais não são objetivas, portanto as classes mais distintas podem ser “o que fala”. O evento pode ser observado de várias perspectivas pelo pesquisador: pelo narrador vitimado, pelo algoz, pelo mediador, pelo espectador, tal qual um prisma. São, sobretudo, orientadas para as classes não hegemônicas, justo pelo espaço reduzido que ocupam nas narrativas históricas onde vemos um desfile de vencedores.

Na história oral se pode observar a história dos oprimidos, dos perdedores, dos fracassados, ainda que se interponha um símbolo de que ele venceu a si mesmo, ainda assim percebe-se a coragem de narrar o fato tal como sua memória recorda (passa de novo pelo coração). Percebe-se o esforço do narrador, de abrilhantar sua participação histórica na trajetória local, mas também compartilhar seus fracassos e frustrações.

Uma dessas frustrações acaba levando ao contraponto do discurso de desenvolvimento da região, que vem a ser desvelada por Seu A., quando se remete às dificuldades de estudo no bairro, às dificuldades de infraestrutura, reclamando da ação ou falta de ação do poder público, que deixa na sede do município o que recolhe da empresa, precarizando dessa forma, Barra do Riacho.

Porque tudo que precisa tem que ir pra Aracruz. A nossa orla é uma das melhores do estado e do país. O manguezal de Piraque-açu é um dos melhores do país, entendeu?

Nossa orla todinha atrai turista, mas não tem investimento nenhum. O melhor carnaval do Espírito Santo é em Barra do Sahy. Todo ano, Natal, Ano novo e férias de Barra do Sahy até Jacaraípe é lotado de gente. Então, onde está o investimento dessa orla, desde Barra do Riacho até Jacaraípe? O



imposto que a empresa paga vai tudo pra Aracruz, mas não retorna.

Em outro momento, ele reforça.

A economia daqui era a pesca. Tinha a rua principal de Barra do Riacho, a única calçada com esgoto, porque foi a população que fez e o ajuda do prefeito Eraldo. Está do mesmo jeito até hoje.



Fonte: <http://www.pesca.ufes.br/content/aracruz-barra-do-riacho> Acesso 03/01/2017

Nesse contexto, deve-se refletir a partir de Pollack (1989, p. 6) que dialoga com um outro conceito, a partir de Henry Rousso, o de enquadramento.

A memória coletiva que se busca salvar, se integra em tentativas de reforçar sentimentos de “pertencimentos e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e instituições”. (POLLACK, 1989, p. 7 e 8). O trabalho de enquadramento da memória tem como suporte a própria história, pois a memória não pode ser combinada com versões aleatórias. Afinal, “mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida”.

“Seu A” volta ao passado antes da indústria e a pontua com o tempo presente. Mesmo sentindo-se

agradecido pela sua conquista pessoal, reconhece no seu ir e vir no tempo que as condições presentes para a população não se alteraram tanto. É exatamente o termo população, em contraponto ao poder público e privado que o narrador favorece em suas recordações.

Tinha o postinho de saúde pequeno, porque a população era pequena. Quando veio a expansão da Aracruz foi aumentando e hoje temos praticamente um hospital construído, mas não funciona vinte e quatro horas, tem poucos médicos. Agora que estão colocando médico assim mesmo o hospital não foi inaugurado ainda. Onde era o posto de saúde mudaram para lá, mas não inauguraram até hoje.

O antes e o agora são quase que uma necessidade discursiva de “Seu A”. O posto pequeno, a população menor de antes, contrapõe-se com a existência de

um posto de saúde moderno, que não funciona vinte e quatro horas. Apesar de tudo, ele faz questão de ressaltar um contraponto entre sua trajetória e da comunidade, principalmente a partir dos filhos que, orgulhosamente, para ele, se integraram à grande indústria, sendo funcionários “reconhecidos”, concomitantemente porém, insiste na dicotomia entre a conquista e a falta de infraestrutura local.

Para educar as crianças praticamente tive que tirar meus filhos daqui. Minha filha estudou aqui... até o ensino médio, fez a faculdade de contabilidade em Aracruz. Agora tenho seis filhos e seis netos. Os netos também estou encaminhando. Todos estudam em Aracruz. Minha filha mora em Aracruz tenho dois filhos que moram em Aracruz.

Acompanhar a narrativa de “Seu A.”, interferindo nas suas memórias, associando momentos, deixando vir à luz emoções – ao falar dos filhos, ele visivelmente se emocionou “Então quando fala isso a gente... se emociona”. Não resistiu, com a cabeça inclinada soluçou, deixando cair lágrimas – entrelaça-se o individual com o coletivo, mostrando como sua história de vida e a do bairro encontram-se interligados. Sua narrativa permite com clareza perceber que apesar das epopeias de construção, a região ainda padece de um olhar mais responsável do poder público. A fábrica que mudou a vida de “Seu A” ao permitir que ele pudesse se desenvolver, não é suficiente, como se mostra em suas memórias e narrações, para mudar a vida da coletividade, desconstruindo o discurso oficial.

Nesta pesquisa de campo, realizada em Barra do Riacho o interlocutor cooperou sobremaneira, embora uma forte indagação tenha acompanhado a

pesquisa: “o mito da não interferência que diz respeito a uma das mais delicadas alterações na passagem de testemunho do campo para o presente texto que ora vos apresentamos”. (PORTELLI, 2010, p.23).

Nas idas e vindas, as amnésias, as descontinuidades e a necessidade posterior de selecionar acontecimentos que convergiam em direção aos objetivos, permitiu ao narrador caminhar livre na sua história de vida, encontrando-se consigo tal qual Benjamin (1985) assevera: [...] “o nosso guardião da memória local exalta uma vida de sacrifício, de conquistas pessoal e coletiva, mas seu relato não se pode dissociar do coletivo”. E essa comunidade a qual pertence está ligada ao município, à indústria, mas nossa conclusão é a de que nem todos alcançam resultados sequer aproximados ao do Seu “A”.

#### Referências

- ALBERTI, Verena. **O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa.** In: \_\_\_\_\_. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 13-31.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza** In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. “O Narrador”. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade Lembrança de Velhos.** Editora Companhia das letras 18ª ed. São Paulo, 2015.
- HALBWACHS, Maurice, **A Memória Coletiva,** Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo, Editora Centauro - 7ª reimpressão, 2013. p. 2003 - 224p.
- LE GOFF, J. “Memória”. In: \_\_\_\_\_. **História**

e **Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 423-483.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol.5, n. 10, 1992. p. 200-212.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, A. **O massacre de Civitela Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944)**". In: AMADO", J.; FERREIRA, M. M. (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 103-130.

\_\_\_\_\_. **A Filosofia e os fatos**. Tempo, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v. 1, n. 2., p. 59-72, 1996.

\_\_\_\_\_. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, n. 14, p.

25-39, fev.1997.

\_\_\_\_\_. **Sempre existe uma barreira**. In: Ensaios de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 19-36.

RICCEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**. Editora UNICAMP, 2007 536p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. p. 45-109.

WEINRICH, H. **Lete: Arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Capítulo V: Dos riscos do lembrar e do esquecer e Capítulo X: Armazenado, quer dizer, esquecido.

Recebido em 2016-09-08  
Publicado em 2017-06-07